
Análise dos fatores influentes nos desempenhos financeiros de alunos do Curso de Tecnologia em Gestão Pública de uma Instituição de Ensino Superior Estadual

Analysis of the Factors Influencing the Financial Performance of Students in the Technology Course in Public Management of a State Higher Education Institution

MARIA GABRIELA PABIS 

ANTÔNIO JOÃO HOCAYEN DA SILVA 

RESUMO

Considerando o contexto econômico vigente, é essencial que as pessoas adotem práticas eficazes de gestão. No entanto, existem alguns fatores limitantes, aspecto investigado nesta pesquisa. Para isso, promoveu-se um levantamento quantitativo, hipotético-dedutivo e descritivo-explicativo, analisando estatisticamente os desempenhos financeiros apresentados por graduandos do curso de Tecnologia em Gestão Pública de uma Instituição de Ensino Superior Estadual. Quanto aos resultados, foi reconhecido inicialmente que a amostra era formada por mulheres adultas, casadas, com filhos, emprego e formação superior aos pais. Estas características, de ordem demográfica e socioeconômica, influenciaram no alcance de níveis intermediários, assim como o contato existente com finanças. Contudo, ressalta-se que algumas constatações foram distintas das evidências comumente encontradas, tornando necessário ampliar o debate, tendo em vista que a realidade tem se alterado e é distinta entre grupos. **Palavras-chave:** Alfabetização Financeira. Gestão Pessoal. Níveis. Determinantes.

ABSTRACT

Considering the current economic context, it is essential that people adopt effective management practices. However, there are some limiting factors, an aspect investigated in this research. For that, a quantitative, hypothetical-deductive and descriptive-explanatory survey was conducted, statistically analyzing the financial performance by graduates of the Public Management Technology course of a State Higher Education Institution. As for the results, it was initially recognized that the sample consisted of adult women, married, with children, employment and higher education than their parents. These demographic and socioeconomic characteristics have influenced the achievement of intermediate levels, as well as the existing contact with finances. However, it should be noted that some findings were different from the evidence commonly found, making it necessary to broaden the debate, considering that reality has changed and is distinct among groups.

Keywords: Financial Literacy. Personal Management. Levels. Determinants.

1. INTRODUÇÃO

Nos últimos anos está havendo uma crescente preocupação com o modo que as pessoas gerenciam seus recursos. Devido à falta de conhecimento, aliada à oferta de complexos produtos financeiros, facilidade de acesso ao crédito e campanhas de marketing que induzem o consumo, percebe-se à tendência ao comprometimento financeiro, como destacam Fiori *et al.* (2017). Esta configuração tem aumentado os índices de inadimplência atingidos, sendo que em média 25,5% das famílias brasileiras deixaram de cumprir suas obrigações em 2020, um índice elevado ao analisar a série histórica (CNC, 2021).

Considerando que este comprometimento impacta de forma direta no bem-estar financeiro da população e reflete em todo o sistema econômico, é importante mensurar a Alfabetização Financeira apresentada, vertente que aborda o desempenho da amostra a partir da análise das atitudes, comportamentos e conhecimentos existentes (OECD, 2011). Com isso, torna-se possível compreender a realidade, no que se refere às principais carências e demandas,

assim como promover um direcionamento adequado das intervenções (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015).

De acordo com Savoia, Saito e Santana (2007), este enfoque é percebido na maioria das pesquisas acadêmicas. De forma complementar, evidencia-se à análise da influência de fatores demográficos e socioeconômicos sobre os desempenhos (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015). Enquanto isso, a abordagem do contato com finanças é restrita e questionável, apesar da validação desta hipótese ser determinante para o desenvolvimento de iniciativas, considerando que a influência do contato estimula as ações (LIZOTE; VERDINELLI, 2014).

Diante disso, optou-se por analisar os fatores influentes nos desempenhos financeiros de alunos do curso de Tecnologia em Gestão Pública de uma Instituição de Ensino Superior Estadual. Este público foi escolhido pelo fato de que o curso não oferece um amplo contato com finanças e comumente às pesquisas exploram grupos com contatos efetivos, sem haver a exploração dos grupos que tendem a apresentar maiores dificuldades (STÜRMER, 2016).

A fim de promover a investigação, nesta proposta buscou-se responder ao seguinte problema de pesquisa: **Quais são os fatores intervenientes nos níveis de Alfabetização Financeira dos graduandos de Tecnologia em Gestão Pública em uma Instituição de Ensino Superior Estadual?** Para isso, foi identificado inicialmente o perfil da amostra, sendo promovida na sequência à mensuração dos níveis de Alfabetização Financeira e o reconhecimento dos fatores que influenciam os desempenhos apresentados.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

Para compreender toda a complexidade que envolve a Alfabetização Financeira é necessário realizar uma análise desde a sua origem até as abordagens mais recentes, considerando todo o desenvolvimento ocorrido. No que se refere à origem, Haverty, Lowry e Kirkwood (2020) afirmam que, apesar de relativamente antiga, é pouco conhecida. O principal motivo é o fato de que as propostas iniciais comumente eram expressas de modo informal. Assim, torna-se difícil afirmar com precisão quando começaram as discussões efetivas sobre o tema. Independente disso, Hastings, Madrian e

Skimmyhorn (2012) destacam que o termo passou a ser empregado nos estudos apenas em 1997, sob a influência da pesquisa realizada pela Coalizão Jump\$tart para Alfabetização Financeira Pessoal.

A partir disso, o debate sobre o assunto é crescente, estimulado pelas transformações econômicas ocorridas em todo o mundo, que demandam de iniciativas para suporte à população. Dentre às transformações, destaca-se a Recessão Econômica nos Estados Unidos em 2008 (OECD, 2011). No que se refere à crise mencionada, Lusardi e Mitchell (2014) salientam que mesmo com toda a devastação, um reflexo positivo foi à conscientização por parte dos órgãos competentes da importância do tema. Já no Brasil, o reconhecimento ocorreu anteriormente, após a estabilidade ocasionada pelo Plano Real (FIORI et al., 2017). No entanto, convém pontuar que o número de iniciativas ainda é restrito, além de não contemplar muitas vezes às demandas populacionais (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015).

Esta limitação está relacionada principalmente a dificuldade em mensurar os níveis para compreender as demandas (LUSARDI; MITCHELL, 2014). Além de não haver um consenso sobre o conceito, os estudos empregam diferentes técnicas, visando contemplar todas às características envolvidas. Com isso não é possível estabelecer uma padronização, o que dificulta a análise (HUSTON, 2010). Diante desta complexidade, optou-se por considerar que a Alfabetização Financeira, de modo geral, diz respeito à aplicação prática de todo o conhecimento adquirido. Assim, a abordagem deve ser baseada nos construtos atitude, comportamento e conhecimento financeiro, propostos pela OECD (2011), independentemente do método empregado.

Quanto às atitudes, são entendidas como sendo as pretensões das pessoas em relação às práticas financeiras, seja em curto, médio ou longo prazo. Portanto, envolvem a orientação que guia a conduta dos indivíduos (ATKINSON; MESSY, 2012; SANTANA *et al.*, 2017), compreendendo a fase intermediária do processo de Alfabetização Financeira. Apresentam este caráter pelo fato de que integram a compreensão de conceitos, característica do conhecimento financeiro, mas não contemplam a aplicação prática, característica do comportamento financeiro (ROGERS; ROGERS; SANTOS, 2018).

Como descrito, o comportamento envolve as ações concretizadas, sendo associado ao uso eficaz dos recursos, conduta que

possibilita o alcance de bem-estar financeiro (SHOCKEY, 2002). Deste modo, este componente é o fator que mais influencia os índices (OECD, 2013), devido sua relação direta como o gerenciamento financeiro efetivo (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015). Além disso, pode ser considerado o fator mais oscilante, sofrendo interferência da percepção e de aspectos emocionais, atributos que estimulam tanto ações positivas quanto ações negativas (KOTLER; ARMSTRONG, 2003).

Já no que se refere ao conhecimento, é definido como o grau alcançado pelas pessoas no que tange a compreensão de informações financeiras (HUSTON, 2010), podendo haver sua ampliação por meio de experiências ou informações externas (VIEIRA; BATAGLIA; SEREIA, 2011). A partir disso, os indivíduos adquirem um censo crítico sobre suas escolhas, o que facilita a tomada de decisão (OECD, 2013), pelo fato de que tornam-se autônomos quanto ao gerenciamento, uma evidência da presença de Educação Financeira (SANTANA *et al.*, 2017).

Após a investigação destes elementos, destaca-se a necessidade de analisar os fatores que influenciam os desempenhos apresentados, a fim de direcionar as ações interventivas (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015). Dentre estes fatores, é apontada a influência do perfil demográfico e socioeconômico dos respondentes, envolvendo aspectos como gênero, idade, estado civil, presença de dependentes, ocupação, escolaridade e renda. A análise do impacto destes fatores recebe destaque nas investigações de Roy Morgan (2003), Lusardi e Mitchell (2011), Atkinson e Messy (2012), Flores, Vieira e Coronel (2013), Lizote e Verdinelli (2014), Potrich, Vieira e Kirch (2015) e de Oliveira e Santana (2019).

No que se refere ao gênero, há quase uma unanimidade nos resultados. A maioria das pesquisas aponta que as mulheres são menos alfabetizadas financeiramente, como é o caso das abordagens de Lusardi e Mitchell (2011), Atkinson e Messy (2012), Potrich, Vieira e Ceretta (2013) e de Potrich, Vieira e Kirch (2015). De acordo com Allen *et al.* (2007), uma das justificativas é o fato de que muitas vezes os pais tentam proteger suas filhas, enquanto os filhos são incentivados a gerirem seus recursos. Assim, o contato efetivo com assuntos financeiros ocorre apenas quando as mulheres se casam, de

forma limitada. Há também a necessidade de gestão quando ficam viúvas, devido à ausência de auxílio dos maridos.

Em ambos os casos, o contato é relativamente tardio, o que impacta de forma negativa o processo de aprendizagem, fazendo com que as mulheres tenham maiores dificuldades para entender ao menos conceitos financeiros básicos do cotidiano (LUSARDI; MITCHELL, 2011; ATKINSON; MESSY, 2012). Apesar disso, percebe-se que este público apresenta uma receptividade maior à participação em programas para melhoria do desempenho (OLIVEIRA; SANTANA, 2019), além de aversão ao risco e predisposição ao planejamento, comportamentos comumente encontrados em mulheres chefes de família (ANZOLA; GUZMÁN, 2016).

Por sua vez, os homens apresentam comportamentos mais impulsivos, sem refletir sobre os riscos de suas ações. Isso evidencia uma conduta materialista, voltada à busca de formas eficazes de aumentar seus recursos. Desta forma, diferente das mulheres, os homens estão dispostos a enfrentar riscos, o que os torna mais propensos ao endividamento (FLORES; VIEIRA; CORONEL, 2013). De acordo com o Milan (2015), este também é o caso dos jovens. O autor afirma que as dificuldades estão relacionadas à ausência de contato com assuntos financeiros, desde o nível básico.

Com isso, os jovens não conseguem gerir de forma adequada suas finanças, havendo uma tendência ao analfabetismo financeiro. Aliado a esta restrita familiaridade, evidencia-se certo desinteresse, com preocupações imediatistas restritas ao curto prazo (MILAN, 2015). Esta tendência também é encontrada na realidade de pessoas mais velhas, havendo limitações em acompanhar a complexidade do mercado, tendo em vista a deterioração cognitiva e o contato anterior com um cenário diferente (ATKINSON; MESSY, 2012).

No entanto, a “bagagem” de experiências faz com que tenham menores chances de se endividar, devido ao aprendizado obtido por meio do enfrentamento de problemas financeiros no decorrer da vida (PONCHIO, 2006). A fim de simplificar o debate, Costa e Miranda (2013) salientam que devido à restrição no recebimento, os jovens não se preocupam tanto com a gestão financeira. Já na fase adulta, com uma renda maior e maturidade, há um planejamento

efetivo. Por sua vez, quando ficam mais velhos, o foco é no gasto das finanças acumuladas.

Alterando a abordagem para o ciclo de vida dos indivíduos, Flores, Vieira e Coronel (2013) evidenciam que os casados apresentam níveis maiores de Alfabetização Financeira. Os autores afirmam que a conscientização ocorre devido à segurança que devem proporcionar as suas famílias, o que acarreta em aversão a riscos. Esta aversão não é identificada no perfil dos solteiros, que tendem a ser pouco conservadores quanto ao gerenciamento de seus recursos, manifestando comportamentos irresponsáveis, com enfoque no curto prazo (FLORES; VIEIRA; CORONEL, 2013). Nesse sentido, evidencia-se que a presença de dependentes interfere nos desempenhos financeiros das pessoas (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015).

Esta proposição também é estabelecida na pesquisa realizada pela empresa *Roy Morgan* (2003). Foi constatado que o fato de serem pais solteiros torna os indivíduos mais propensos a atingirem escores elevados, alcançando comumente níveis intermediários. A razão para o progresso ainda ser restrito é a inexistência de suporte, recaindo todas as obrigações em apenas uma única pessoa. Mesmo assim, o gerenciamento é mais controlado, devido à responsabilidade envolvida, havendo uma ampla conscientização. De acordo com esta lógica, a tendência é que quanto maior o número de dependentes, maior será o nível de Alfabetização Financeira (POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015).

No entanto, na prática esta realidade não é evidenciada, como destacam Servon e Kaestner (2008). Os autores afirmam que a presença de um número considerável de dependentes dificulta à gestão, o que torna os pais com poucos filhos mais propensos a apresentarem melhores resultados (SERVON; KAESTNER, 2008). Corroborando com o assunto, Mottola (2013) destaca que os altos índices não estão apenas associados ao planejamento financeiro, mas também ao planejamento familiar. Deste modo, evidencia-se que há um ponderamento maior por parte das pessoas alfabetizadas na constituição e aumento da família, considerando as consequências envolvidas.

Já no que se refere à ocupação, os indivíduos que trabalham possuem uma probabilidade maior de manifestarem desempenhos

favoráveis (POTRICH; VIEIRA; CERETTA, 2013). De acordo com Chen e Volpe (1998), a justificativa é o acúmulo de experiências por meio do contato constante com situações econômicas e financeiras. Com isso o processo decisório deixa de ser complexo, tendo em vista o conhecimento adquirido para suporte. Esta perspectiva também é apresentada na pesquisa proposta pela empresa *Roy Morgan* (2003). Os resultados apontaram que pessoas desempregadas ou com baixa qualificação apresentam maiores dificuldades no gerenciamento de seus recursos, diferente das pessoas que ocupam cargos superiores.

Convém ressaltar que esta tendência não é evidenciada na realidade universitária, pelo fato de que mesmo com a maioria das constatações sugerindo um alinhamento entre a formação escolar e a Alfabetização Financeira, há a possibilidade de serem alcançados altos níveis independentemente deste fator. Assim, *não é possível estabelecer generalizações quanto à influência da escolaridade pessoal* (ATKINSON; MESSY, 2012). Por sua vez, no que se refere à escolaridade familiar, exerce interferência direta nos comportamentos apresentados, havendo o aumento do nível na mesma proporcionalidade que a instrução (LIZOTE; VERDINELLI, 2014; POTRICH; VIEIRA; KIRCH, 2015), considerando a existência de diálogo (SILVA *et al.*, 2017).

Já no que tange a renda, há certa limitação das pessoas que recebem pouco, seja a nível pessoal ou familiar (POTRICH; VIEIRA; PARABONI, 2013). A dificuldade está relacionada à restrição no orçamento, conjuntamente com a interferência de aspectos comportamentais (FLORES; VIEIRA; CORONEL, 2013). Com isso, a tendência é que as famílias com maiores rendimentos apresentem melhores desempenhos financeiros (GONÇALVES; PONCHIO, 2018). Esta perspectiva, apesar de predominante, não é verificada em todo o universo investigado. Na pesquisa de Atkinson e Messy (2012) houve o alcance de níveis altos independente da renda. Desta forma, novamente há uma distinção, o que ocorre também com o contato com finanças.

Alguns autores argumentam que existe uma relação direta entre a familiaridade com a temática e os desempenhos (STÜRMER, 2016; CASTRO, 2018), enquanto outros autores não reconhecem uma associação entre as variáveis (LIZOTE; VERDINELLI, 2014;

CARDOSO; ANJOS; FERREIRA, 2017). Diante da abrangência de posicionamentos frente aos fatores, torna-se conveniente apresentar uma síntese das abordagens encontradas. Busca-se com o Quadro 1 delimitar as diferentes percepções, facilitando a compreensão da amplitude da investigação referente a cada aspecto.

Quadro 1 – Fatores intervenientes

Variáveis	Resultados encontrados	Autores
Gênero	Falta de incentivo restringe o desempenho das mulheres;	Allen et al. (2007)
	Homens são materialistas e propensos ao endividamento;	Flores, Vieira e Coronel (2011)
Idade	Falta de contato restringe o desempenho de jovens;	Milan (2015)
	Pessoas mais velhas apresentam limitações na gestão financeira;	Atkinson e Messy (2012)
Ciclo de vida	Casados apresentam melhores desempenhos e aversão ao risco;	Flores, Vieira e Coronel (2013)
	Número considerável de filhos dificulta à gestão;	Servon e Kaestner (2008)
	Pessoas que trabalham apresentam melhores desempenhos;	Potrich, Vieira e Ceretta (2013)
Escolaridade	Contato no ambiente acadêmico não interfere nos desempenhos;	Atkinson e Messy (2012)
	Escolaridade familiar interfere positivamente nos desempenhos;	Lizote e Verdinelli (2014)
Renda	Rendimentos superiores afetam positivamente os desempenhos;	Gonçalves e Ponchio (2018)
	Renda não prediz a Alfabetização Financeira;	Atkinson e Messy (2012)
Contato	Familiaridade com a temática afeta positivamente os desempenhos;	Stürmer (2016)
		Castro (2018)
	Contato não prediz a Alfabetização Financeira;	Cardoso, Anjos e Ferreira (2017)
		Lizote e Verdinelli (2014)

Fonte: dados da pesquisa.

Tendo em vista o embasamento teórico apresentado, percebe-se que houve um significativo progresso do debate sobre a temática, sofrendo influência da necessidade de intervir para conter o avanço das crises econômicas evidenciadas. Além do debate, há uma tentativa crescente de implantar ações intervencionais. Para isso, é necessário compreender a realidade, sendo recomendado inicialmente mensurar os níveis para obter uma ampla perspectiva quanto ao contexto.

De forma complementar, é importante reconhecer os fatores intervenientes. No caso das características demográficas e socioeconômicas, não há um consenso quanto à interferência da maioria dos elementos envolvidos, assim como o impacto da familiaridade com finanças. Portanto, torna-se conveniente a realização de novos estudos para que as intervenções promovidas, visando à oferta de um suporte adequado, sejam direcionadas aos grupos que apresentam maiores dificuldades.

3. METODOLOGIA

Após a apresentação da temática, foram estabelecidos os procedimentos para implantação da proposta, no que se refere à metodologia utilizada. Especificamente quanto ao método, o estudo se configurou como hipotético-dedutivo, considerando que os resultados demandavam do confronto entre as hipóteses estabelecidas e as constatações práticas (GIL, 2008). Já quanto ao nível, envolveu uma pesquisa descritiva-explicativa, pelo fato de que além de ser promovida a descrição da realidade (BOAVENTURA, 2007; VIEIRA; RIVERA, 2012), houve a análise dos fatores intervenientes nos desempenhos apresentados (GIL, 2008).

Por sua vez, a natureza da pesquisa era quantitativa, havendo a coleta de dados por meio de um levantamento, a conversão dos dados em números para análise e a abordagem estatística para descrever o perfil, ponderar os níveis e inferir os fatores influentes (MATIAS-PEREIRA, 2007). Especificamente quanto à coleta de dados, foi realizada no Google Forms por meio da aplicação de um questionário, ferramenta que permite o direcionamento de uma série de questões focalizadas ao grupo escolhido (LAKATOS; MARCONI, 2007).

Em sua elaboração, foram promovidas adaptações na proposta de Potrich, Vieira e Kirch (2015), por meio da filtragem das perguntas com maior relevância, discutidas no decorrer do referencial teórico, como pode ser verificado no apêndice A. Já os participantes envolveram graduandos do curso de Tecnologia em Gestão Pública de uma Instituição de Ensino Superior Estadual. A escolha foi estimulada pelo fato de que este curso não possibilita um contato efetivo com assuntos financeiros, o que tende a comprometer os desempenhos dos acadêmicos.

Por sua vez, no que se refere à amostra necessária para validação do estudo, foi calculada a partir da fórmula sugerida por Gil (2008). Considerando que a população integrava 1057 graduandos e assumindo um nível de confiança de 95%, assim como um erro máximo de 7%, o ideal era o alcance de 166 respostas. No final da coleta de dados, promovida em dezembro de 2019, houve o alcance de 180 respostas, o que permitiu a validação da pesquisa.

Por fim, quanto à técnica para análise dos dados, foi empregada a análise estatística, proposta que permite o desenvolvimento de um amplo resumo, além de garantir facilidade na associação entre as variáveis (GIL, 2008). No caso do perfil pessoal e financeiro, foi promovida a estatística descritiva no programa Excel. Por sua vez, os níveis foram ponderados por meio da Análise Fatorial, havendo a redução dos elementos para simplificar a análise (DANCEY; REIDY, 2006). Nesta etapa, a mensuração foi promovida no programa *Factor Analysis*, finalizando com o desenvolvimento do modelo final no AMOS™.

Após isso, foi calculada a média das questões com maior relevância. Por fim, esta média determinou a separação do grupo em 5 níveis distintos definidos a partir de uma variação percentual proposta por Milan (2015). No caso dos níveis 1 e 2, considerados baixos, envolvem pontuações entre 40% e 50% e entre 50% a 60%, respectivamente. Por sua vez, percentuais entre 60% e 70% compreendem o alcance de um nível intermediário, enquanto percentuais que variam de 70% a 80% ou acima de 80% configuram os participantes com um alto nível de Alfabetização Financeira, ao atingirem os níveis 4 e 5 respectivamente.

Para finalizar, houve a aplicação de testes no SPSS para verificar se os níveis de Alfabetização Financeira eram influenciados por variáveis sociodemográficas, assim como pelo contato com finanças. No caso de questões com apenas duas alternativas, foi aplicado o teste t de *Student*, que envolve inferências a partir de duas condições (DANCEY; REIDY, 2006). Já nas demais variáveis, foi empregada a ANOVA, considerando que era necessária a análise de três ou mais alternativas (DANCEY; REIDY, 2006).

4. ANÁLISE E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

No que se refere ao perfil demográfico, foi verificado que a maioria da amostra era formada por graduandos do gênero feminino (66,1%), que eram casados (as) ou tinham uma união estável (69,4%), com a presença de 1 dependente (71,1%). Já em relação à idade, a maior frequência foi verificada na faixa etária entre 40 e 49 anos (36,1%). Por sua vez, no que tange ao perfil socioeconômico, a predominância era de empregados (as) assalariados(as) (65,0%), que possuíam uma renda pessoal acima de R\$ 2.000,00 (57,8%).

Além disso, a renda familiar com maior frequência contemplava 3 a 5 salários mínimos, correspondendo à classe C (41,1%), enquanto a escolaridade familiar recorrente era o ensino fundamental incompleto (47,2%). A maioria destas características, descritas na Tabela 1, compõe o perfil do grupo detentor dos melhores desempenhos financeiros, apesar de não apresentar proximidade com o perfil acadêmico comumente encontrado no contexto universitário.

Tabela 1 – Perfil dos graduandos

Variável	Alternativas	Frequência	Percentual
Gênero	Feminino	119	66,10%
Estado Civil	Casado(a)/União Estável	125	69,40%
Dependentes	1 dependente	128	71,10%
Idade	40 a 49 anos	65	36,10%
Ocupação	Empregado(a) assalariado(a)	117	65,00%
Renda Pessoal	Acima de R\$ 2.000,00	104	57,80%
Renda Familiar	Classe C	74	41,10%
Escolaridade dos pais	Ensino Fundamental Incompleto	85	47,20%

Fonte: dados da pesquisa.

Por sua vez, quanto ao perfil financeiro, foi reconhecido inicialmente que as atitudes financeiras apresentadas eram favoráveis, havendo uma perspectiva de futuro e conscientização do impacto causado pela gestão financeira promovida. Esta constatação também foi evidenciada quanto aos conhecimentos, havendo uma superioridade de acertos em todas as questões. Enquanto isso, nas perguntas referentes aos comportamentos houve o alcance de médias baixas, demonstrando dificuldade na aplicação prática dos conhecimentos.

Na sequência, promoveu-se a mensuração dos níveis de Alfabetização Financeira por meio da Análise Fatorial, havendo a necessidade de promover um ajuste no modelo a partir dos índices de ajuste encontrados. Nesta mudança, foram retiradas as questões com cargas fatoriais abaixo de 0,5, restando 2 questões sobre atitudes e 7 questões sobre comportamentos, relacionadas à poupança e gastos, conforme apontado no apêndice A. Com isso, houve a

adequação dos índices de ajuste, de confiabilidade e a proposta se tornou replicável.

De modo complementar, houve o reconhecimento das questões com maior relevância, o que possibilitou também o cálculo das médias alcançadas para separação dos grupos em níveis, como pode ser verificado na Tabela 3. Conforme expresso, há a concentração no nível 3, considerado intermediário (23%), com inclinação para o alcance de níveis baixos (35%), principalmente devido à limitação comportamental evidenciada. No entanto, em decorrência da adequação nos demais construtos, o segundo maior índice (21%) foi de respondentes que alcançaram os níveis considerados altos.

Tabela 2 – Níveis de Alfabetização Financeira

Níveis	Classificação	Média Geral	Amostra
Níveis Baixos (35%)	Nível 1	0,443	n: 32 (18%)
	Nível 2	0,554	n: 31 (17%)
Nível Intermediário (23%)	Nível 3	0,655	n: 41 (23%)
Níveis Altos (33%)	Nível 4	0,757	n: 22 (12%)
	Nível 5	0,901	n: 38 (21%)

Fonte: dados da pesquisa.

Já no que se refere aos fatores intervenientes, foi constatado que todas as variáveis exerceram influência, em diferentes graus. Quanto às corroborações, foi identificada à influência do gênero, ocupação, renda pessoal e escolaridade dos pais. No caso do gênero, constatou-se que os graduandos do gênero masculino apresentavam desempenhos superiores [$t(178): -3,203; p < 0,05$], como pode ser verificado na Tabela 4. Esta constatação condiz com os resultados das pesquisas de Lusardi e Mitchell (2011), Atkinson e Messy (2012), Potrich, Vieira e Ceretta (2013) e de Potrich, Vieira e Kirch (2015).

Além disso, demonstra que a proposição materialista estabelecida por Flores, Vieira e Coronel (2013) não deve ser associada a uma conotação negativa. Pelo contrário, evidencia-se que os homens buscam ampliar seus conhecimentos para otimização dos recursos, perspectiva que deve ser adotada. Outro aspecto importante é haver o estímulo à gestão, fator que interfere significativamente nos desempenhos apresentados de acordo com Allen *et al.* (2007).

Já no que se refere à ocupação, os piores desempenhos foram apresentados de graduandos que eram apenas estudantes, enquanto os graduandos que eram servidores públicos ou empregados assalariados alcançaram médias superiores, respectivamente [F(4,175): 2,557; $p < 0,05$]. Estes resultados, expressos na Tabela 4, condizem com as constatações das pesquisas de Chen e Volpe (1998), *Roy Morgan* (2003) e de Potrich, Vieira e Ceretta (2013).

Já no que diz respeito à renda pessoal, foi constatado que os graduandos com rendas consideradas altas, acima de R\$ 2.000,00, apresentavam desempenhos superiores [F(2,177): 3,965; $p < 0,05$], como pode ser verificado na Tabela 4. Estes resultados corroboram com os apontamentos de Flores, Vieira e Coronel (2013), Potrich, Vieira e Paraboni (2013) e de Gonçalves e Ponchio (2018), no que tange a proporcionalidade direta entre os desempenhos financeiros evidenciados e o nível de renda atingido.

Por sua vez, quanto à escolaridade dos pais, foi reconhecido que os graduandos com pais pós-graduados apresentavam médias superiores, enquanto os graduandos com pais concluintes do Ensino Médio apresentaram maiores dificuldades [F(7,172): 2,695; $p < 0,05$], conforme descrito na Tabela 4. Assim, de modo parcial, comprova-se às evidências de Lizote e Verdinelli (2014) e de Potrich, Vieira e Kirch (2015). Já quanto às demais dimensões, houve refutação das hipóteses e ausência de consenso, devido ao impacto distinto em cada construto.

No caso da idade, foi verificado que graduandos com 50 anos ou mais possuíam os melhores desempenhos [F(6,173): 2,234; $p < 0,05$], como é percebido na Tabela 4. A justificativa envolve o fato de que as experiências acumuladas no decorrer da vida contribuem significativamente, o que torna os resultados obtidos aceitáveis. Esta perspectiva é apresentada na pesquisa de Ponchio (2006), contradizendo as constatações de Atkinson e Messy (2012) e de Costa e Miranda (2013).

Por sua vez, quanto ao estado civil, evidenciou-se que os graduandos separados ou divorciados apresentavam melhores desempenhos, frente aos solteiros e casados [F(2,177): 3,129; $p < 0,05$], como aponta a Tabela 4. Convém ressaltar que nos materiais desenvolvidos sobre o assunto há um debate restrito sobre os desempenhos

apresentados por este grupo. Diante disso, assume-se que a ideia defendida por Allen *et al.* (2007), quanto ao motivo da limitação nos desempenhos das mulheres, se aplica a este grupo, no sentido de que pessoas separadas ou divorciadas também precisam adquirir conhecimentos para gerenciar os recursos que antes eram controlados por outra pessoa.

Tabela 3 – Fatores influentes

Variáveis	Teste paramétrico	
	Valor	Sig.
Gênero (1)	-3,203	0,02
Ocupação (2)	2,557	0,041
Renda pessoal (2)	3,965	0,21
Escolaridade dos pais (2)	2,695	0,11
Idade (2)	2,234	0,42
Estado civil (2)	3,129	0,046
Presença de dependentes (1)	1,974	0,05
Número de dependentes (2)	3,526	0,009
Renda familiar (2)	3,255	0,13
	3,765	0,006
Contato com finanças (1)	3,176	0,002
Receptividade com finanças (1)	2,61	0,018

Fonte: dados da pesquisa.
Notas: (1) Aplicação do teste t.
(2) Aplicação da ANOVA.

Já no que concerne aos dependentes, evidenciou-se que apesar da presença interferir positivamente nas atitudes [t(178): 1,974; p<0,05], o número reduzido interferia na gestão efetiva [F(4,175): 3,526; p<0,05], conforme expresso na Tabela 4. Com isso, percebe-se que apesar de as atitudes do grupo serem favoráveis, o fato de as responsabilidades serem reduzidas quando as pessoas têm poucos dependentes facilita a gestão, não havendo sobrecarga para efetivar o planejamento financeiro, como destacam Servon e Kaestner (2008).

Alterando a abordagem para a influência da renda familiar, foi constatado que apesar de os graduandos pertencentes às classes sociais superiores apresentarem maiores conhecimentos [F(4,175): 3,255; $p < 0,05$], as atitudes dos graduandos pertencentes às classes sociais inferiores eram melhores [F(4,175): 3,765; $p < 0,05$], como pode ser verificado na Tabela 4. Estas constatações se justificam considerando que quanto menores os rendimentos, maior tende a ser a preocupação com o gerenciamento. Assim, assume-se que altos níveis podem ser alcançados independentemente da renda, como propõem Atkinson e Messy (2012).

Por fim, foi verificado que o contato com finanças interferia significativamente nos comportamentos financeiros apresentados pelos acadêmicos [t(178): 3,176; $p < 0,05$], enquanto a receptividade com a temática interferia nas atitudes financeiras [t(178): 2,610; $p < 0,05$], conforme expresso na Tabela 4. Deste modo, percebe-se que a familiaridade com assuntos financeiros afeta positivamente os desempenhos, facilitando à gestão promovida, como propõem Stürmer (2016) e Castro (2018).

Contudo, é importante ressaltar que, a partir do confronto entre os fatores, foi evidenciado a interferência com maior intensidade das características pessoais. A justificativa para esta ocorrência foi o fato de que o grupo escolhido apresentava um perfil característico, apontado pela teoria como detentor de melhores níveis, conforme já mencionado. Apesar disso, houve novas constatações após a exploração do relacionamento entre os aspectos teóricos e práticos. Assim, os resultados não se restringiram ao reconhecimento de relações entre as variáveis, o que contribui para a mudança de perspectiva.

5. CONCLUSÕES

Diante dos aspectos mencionados, constata-se que os objetivos foram atingidos integralmente, desde a identificação do perfil da amostra até o reconhecimento dos fatores intervenientes nos níveis. Especificamente no que se refere ao perfil, o curso era formado por mulheres adultas que já tinham constituído família e possuíam rendimentos elevados, assim como escolaridade superior a dos pais. Por sua vez, quanto aos desempenhos financeiros, foi reconhecido

que apesar de as atitudes e conhecimentos serem favoráveis, os comportamentos eram limitados.

Esta restrição comportamental interferiu significativamente nos desempenhos, havendo o maior alcance de níveis intermediários, em 23% dos casos, enquanto os níveis 1 e 2, considerados baixos, foram atingidos conjuntamente por 35% da amostra. Por sua vez, os níveis 4 e 5, considerados altos, foram atingidos conjuntamente por 33% da amostra, com o nível 5 concentrando 21% dos casos, segundo maior índice atingido. A justificativa para o percentual ser elevado envolve a adequação dos demais construtos.

Já no que se refere aos fatores intervenientes, foi reconhecida a influência de todas as variáveis, em diferentes graus. Quanto às corroborações, constatou-se que os graduandos do gênero masculino, com ocupação, que tinham altos rendimentos e pais pós-graduados alcançaram médias superiores. Já no que se refere à idade e estado civil, evidenciou-se que os melhores desempenhos eram de graduandos separados ou divorciados, apesar da teoria apontar relativa superioridade de pessoas adultas e casadas.

Por sua vez, quanto aos demais fatores, houve um impacto distinto em cada construto, comprometendo a alcance de um consenso. No caso dos dependentes, apesar da presença interferir positivamente nas atitudes, o número elevado comprometia à gestão efetiva. Já quanto à renda familiar, apesar de os graduandos de classes sociais superiores apresentarem maiores conhecimentos, as atitudes dos graduandos de classes sociais inferiores eram melhores. Por fim, foi evidenciado que o contato com finanças interferia apenas nos comportamentos dos acadêmicos, enquanto a receptividade interferia nas atitudes.

Contudo, devido ao público escolhido apresentar um perfil característico, próximo ao perfil descrito como detentor dos melhores níveis, a maior interferência foi de características pessoais, com alguns resultados distintos das constatações comumente encontradas. Assim, percebe-se à contribuição da pesquisa para alterar a perspectiva predominante, além de ser reconhecida a necessidade de ampliar o debate, considerando que a realidade tem se alterado e é distinta entre grupos.

Quanto à ampliação, sugere-se que futuras abordagens promovam um comparativo entre cursos com distintos contatos. Além disso, é conveniente investigar grupos com perfis pouco característicos, na tentativa de reconhecer se realmente apresentam maiores carências. Assim, há a possibilidade de haver um direcionamento adequado das ações interventivas voltadas à inclusão financeira.

REFERÊNCIAS

- ALLEN, M. W. *et al.* Imagined Interaction, Attitudes Towards Money and Credit, and Family Coalitions. **Journal of Family and Economic**, [New York], v. 28, n. 1, p. 3-22, 2007.
- ANZOLA, D. M.; GUZMAN, G. R. **Socio-Economic Determinants of Financial Education: Evidence for Bolívia, Colombia, Ecuador and Peru.** Bogotá: Corporación Andina de Fomento, 2016.
- ATKINSON, A.; MESSY, F. A. **Measuring Financial Literacy Results of the OECD: International Network on Financial Education Pilot Study.** Paris: OECD, 2012.
- BOAVENTURA, E. M. **Metodologia da pesquisa: monografia, dissertação, tese.** São Paulo: Atlas, 2007.
- CARDOSO, J. S.; ANJOS, E. A. dos; FERREIRA, D. D. M. Nível de Alfabetização Financeira dos alunos de Ciências Contábeis: análise em uma Instituição de Ensino Superior Catarinense. In: CONGRESSO UNISINOS DE CONTROLADORIA E FINANÇAS, 4, 2017, São Leopoldo. **Anais eletrônicos...** São Leopoldo: UNISINOS, 2017.
- CASTRO, A. S. C. de. **A Educação Financeira e sua influência no planejamento para a aposentadoria: uma análise da preocupação dos alunos de Ciências Contábeis da UFRJ.** Rio de Janeiro, 2018. 36 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Departamento de Ciências Contábeis, Universidade Federal do Rio de Janeiro.
- CHEN, H.; VOLPE, R. P. An analysis of Personal Financial Literacy among college students. **Financial Services Review**, DeLand, v. 7, n. 2, p. 107-128, 1998.
- CONFEDERAÇÃO NACIONAL DE COMÉRCIO DE BENS, SERVIÇOS E TURISMO. **Pesquisa de Endividamento e Inadimplência do Consumidor.** Rio de Janeiro: CNC, 2020.
- COSTA, C. M.; MIRANDA, C. J. Educação Financeira e Taxa de Poupança no Brasil. **Revista de Gestão, Finanças e Contabilidade**, [Senhor do Bonfim], v. 3, n. 3, p. 57-74, 2013.
- DANCEY, C. P.; REIDY, J. **Estatística sem matemática para psicologia: usando SPSS para Windows.** Porto Alegre: Artmed, 2006.
- FIORI, D. D. *et al.* O efeito da Educação Financeira sobre a relação entre adimplência e trabalhadores na cidade de Manaus. **Revista Sinergia**, Rio Grande, v. 21, n. 2, p. 31-45, jul./dez. 2017.
- FLORES, S. A. M.; VIEIRA, K. M.; CORONEL, D. A. Influência de Fatores Comportamentais na Propensão ao Endividamento. **Revista de Administração FACES Journal**, Belo Horizonte, v. 12, n. 2, p. 13-35, 2013.

GIL, A. C. **Métodos e Técnicas de Pesquisa Social**. São Paulo: Atlas, 2008.

GONÇALVES, V. N.; PONCHIO, M. C. Quem Pensa no Futuro Pensa Mais?: O Papel Mediador do Conhecimento Financeiro na Relação entre Orientação para o Futuro e Segurança Financeira Pessoal. **Revista Brasileira de Marketing**, São Paulo, v. 17, n. 4, p. 472-486, out./dez. 2018.

HASTINGS, J. S.; MADRIAN, B. C.; SKIMMYHORN, W. L. Financial Literacy, Financial Education and Economic Outcomes. **Annual Review of Economics**, Cambridge, v. 5, n. 1, p. 347-373, 2013.

HAVERTY, L.; LOWRY, A. S.; KIRKWOOD, K. D. **The History of Financial Literacy**. Chicago: OppU, 2020.

HUSTON, S. J. Measuring Financial Literacy. **The Journal of Consumer Affairs**, [Washington], v. 44, n. 2, p. 296-316, jun. 2010.

KOTLER, P.; ARMSTRONG, G. **Princípios de Marketing**. São Paulo: Prentice Hall, 2003.

LAKATOS, E. M.; MARCONI, M. de A. *Metodologia Científica: ciência e conhecimento científico; métodos científicos; teoria, hipóteses e variáveis*. São Paulo: Atlas, 2007.

LIZOTE, S. A.; VERDINELLI, M. A. Educação Financeira: um estudo das associações entre o conhecimento sobre Finanças Pessoais e as características dos estudantes universitários do curso de Ciências Contábeis. In: CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 14, 2014, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: USP, 2014.

LUSARDI, A.; MITCHELL, O. S. Financial Literacy and Retirement Planning in the United States. **Journal of Pension Economics and Finance**, Cambridge, v. 10, n. 4, p. 509-525, out. 2011.

_____. The Economic Importance of Financial Literacy: Theory and Evidence. *Journal of Economic Literature*, Cambridge, v. 52, n. 1, p. 5-44, mar. 2014.

MATIAS-PEREIRA, J. **Manual de metodologia da pesquisa científica**. São Paulo: Atlas, 2007.

MILAN, M. V. G. **O nível de Alfabetização Financeira de estudantes universitários: um estudo sobre a Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado FECAP**, 2015. 75 f. Dissertação (Mestrado em Administração Estratégica) – Faculdade Escola de Comércio Álvares Penteado, São Paulo, 2015.

MOTTOLA, G. R. In Our Best Interest: Women, Financial Literacy, and Credit Card Behavior. **Scholar Commons**, [Berkeley], v. 6, n. 2, p. 1-17, 2013.

OLIVEIRA, S. F.; SANTANA, P. M. Financial Education at Workplace. **Revista Pensamento Contemporâneo em Administração**, [Niterói], v. 13, n. 1, p. 123-149, 2019.

ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT. **Financial Literacy and Inclusion: Results of OECD/INFE Survey Across Countries and by Gender**. Paris: OECD, 2013.

_____. **Guide to Measuring the Information Society**. Paris: OECD, 2011.

PONCHIO, M. C. **The influence of materialism on consumption indebtedness in the context of low income consumers from the city of Sao Paulo**. São Paulo, 2006. 175 f. Tese (Doutorado) – Departamento de Administração, Escola de Administração de Empresas da Fundação Getúlio Vargas.

- POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; CERETTA, P. S. Nível de Alfabetização Financeira dos Estudantes Universitários: Afinal, o que é relevante? **Revista Eletrônica de Ciência Administrativa**, [Campo Largo], v. 12, n. 3, p. 314-333, 2013.
- POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; KIRCH, G. Determinantes da Alfabetização Financeira: análise da influência de Variáveis Socioeconômicas e Demográficas. **Revista Contabilidade & Finanças**, São Paulo, v. 27, n. 69, p. 362-377, set. 2015.
- POTRICH, A. C. G.; VIEIRA, K. M.; PARABONI, A. L.. O que influencia a Alfabetização Financeira dos estudantes universitários?.. In: SEMINÁRIOS DE ADMINISTRAÇÃO, 16, 2013, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: FEAUSP, 2013.
- ROGERS, D.; SANTOS, G. Comportamento e Atitude Financeira: Refinamento de um Modelo de Medida e Exame de Relações Estruturais em Estudantes Universitários. In: ENCONTRO BRASILEIRO DE ECONOMIA E FINANÇAS COMPORTAMENTAIS, 5, 2018, São Paulo. **Anais eletrônicos...** São Paulo: FGV, 2018.
- ROY MORGAN CONSULTING. **Survey of Adult Financial Literacy in Australia**. Melbourne: ANZ Banking Group, 2003.
- SANTANA, F. J. M. S. *et al.* Nível de Educação Financeira constatado entre universitários recém-ingressos em Ciências Contábeis. **Enciclopédia Biosfera, Centro Científico Conhecer**, [S.I.], v. 14, n. 26, p. 1227-1238, 2017.
- SAVOIA, J. R. F.; SAITO, A. T.; SANTANA, F. A. Paradigmas da Educação Financeira no Brasil. **Revista de Administração Pública**, [Rio de Janeiro], v. 41, n. 6, p. 1121-1141, 2007.
- SERVON, L. J.; KAESTNER, R. Consumer Financial Literacy and the Impact of Online Banking on the Financial Behavior of Lower-Income Bank Customers. **Journal of Consumer Affairs**, [Washington], v. 42, n. 2, p. 271-305, 2008.
- SHOCKEY, S. S. **Low-wealth adults Financial Literacy: money management behavior and associates factors, including critical thinking**. Ohio: Ohio State University, 2002.
- SILVA, T. P. da *et al.* Financial Education Level of High School Students and Its Economic Reflections. **Revista de Administração de Empresas**, v. 52, n. 3, p. 285-303, 2017.
- STÜRMER, R. A. **Alfabetização Financeira: um estudo do comportamento financeiro dos alunos de cursos de Administração, Ciências Contábeis e Ciências Econômicas**. Florianópolis, 2016. 72 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) – Departamento de Ciências Contábeis, Universidade Federal de Santa Catarina.
- VIEIRA, A. M.; RIVERA, D. P. B. A Hermenêutica no Campo Organizacional: duas possibilidades interpretativistas de pesquisa. **Revista Brasileira de Gestão de Negócios**, v. 14, n. 44, p. 261-273, 2012.
- VIEIRA, S. F. A.; BATAGLIA, R. T. M.; SEREIA, V. J. Educação Financeira e Decisões de Consumo, Investimento e Poupança: Uma Análise dos Alunos de Uma Universidade Pública do Paraná. **Revista de Administração da UNIMEP**, v. 9, n. 3, p. 61-86, set./dez. 2011.

Recebido em: 2-3-2021

Aprovado em: 10-3-2022

Avaliado pelo sistema double blind review.

Disponível em <http://mjs.metodista.br/index.php/roc>